

O
SIGNO E
O SER DAS
COISAS
MESMAS

Introdução a
uma filosofia das
duas estruturas
(signo/mundo)

Conselho Editorial

Alastair Pennycook

Allen Quesada

Ana Nery Damasceno Noronha

Ana Sousa

Antonieta Heyden Megale

Aparecida de Jesus Ferreira

Beatriz Gama Rodrigues

Carmen Jená Machado Caetano

Daniel Silva

Elaine Fernandes Mateus

Elkerlane Martins de Araújo

Fernanda Coelho Liberali

Joaquim Dolz

Juscelino Francisco do Nascimento

Kleber Aparecido da Silva

Lynn Mário Menezes de Sousa

Gabriela A. Veronelli

Gisvaldo Araújo Silva

Manuela Guilherme

Reinildes Dias

Ofelia Garcia

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Paulo Massaro

Renato Cabral Rezende

Rosane Pessoa

Rodriana Dias Coelho Costa

Ryuko Kubota

Sávio Siqueira

Sonia Margarida Ribeiro Guedes

Sweder Sousa

Tatiana Dias

Veruska Machado

Vilson Leffa

Viviane Resende

Manoel Mathias Ferreira

O
SIGNO E
O SER DAS
COISAS
MESMAS

Introdução a
uma filosofia das
duas estruturas
(signo/mundo)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Manoel Mathias

O signo e o ser das coisas mesmas : introdução a uma filosofia das duas estruturas (signo/mundo) / Manoel Mathias Ferreira. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2020.

ISBN 978-65-86089-30-1

1. Comunicação 2. Linguagem 3. Linguística 4. Signos e símbolos I. Título.

20-46684

CDD-302.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem : Comunicação 302.2

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final do autor
bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 0

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	7
A RELAÇÃO LÓGICO/PSICOLÓGICO	15
A CONFIGURAÇÃO	27
O NÚMERO COMO SIGNO	33
A ESTRUTURA DO MUNDO MESMO (A COISA EM SI)	41
OBJETOS E FENÔMENOS COMO NUVENS EM MOVIMENTO	51
A RELAÇÃO ESPAÇO/TEMPO	55
<i>Espaço/tempo 2</i>	
AS DUAS ESTRUTURAS DO MUNDO HUMANO	67
<i>A dança do mundo em relação a dança dos signos (movimento mundo/signo)</i>	
O CORPO FÍSICO E A RELATIVIDADE	85
O SER DA CONSCIÊNCIA	97
O PROBLEMA DO SER MESMO.....	103
<i>Verbo ser em-si □ O ser da igualdade e da diferença: Eu = # eu</i>	
O CORPO NO ESPAÇO	119
A GRAMÁTICA GERATIVA	123

A LÓGICA DA SOBREVIVÊNCIA E DO DESENVOLVIMENTO	139
---	-----

A CONCEPÇÃO DIALÉTICA DA FORMAÇÃO DO HOMEM	143
---	-----

O PROBLEMA DA ORIGEM/INVENÇÃO DA LÍNGUA	149
--	-----

A FORMAÇÃO DE CONCEITOS PELAS CRIANÇAS (ESTUDO COM VITÓRIA)	165
--	-----

Relação do Pensamento com a linguagem □ *As formas de desenvolvimento dos conceitos* □ *O Pensamento sincrético* □ *O pensamento por complexo (mais geral, e atravessa as outras 3 fases)* □ *O pensamento por complexo em cadeia* □ *Pensamento formados por pseudo-conceitos* □ *O pensamento por conceitos potenciais* □ *O pensamento por conceitos autênticos* □ *A zona de desenvolvimento Real e Potencial na formação de conceitos em Vitória* □ *O Método educativo* □ *Os conceitos de Vitória* □ *Primeira observação/experimentação* □ *Segunda observação* □ *A escrita no caderno de Vitória – A forma da escrita científica*

A FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DA MENTE: FUNÇÃO INTELLECTUAL DAS OPERAÇÕES COM SIGNOS LINGUÍSTICOS	231
--	-----

As operações com signos linguísticos □ *O signo linguístico* □ *O valor da significação* □ *A ideia de transformação* □ *Conclusão do capítulo*

ÉTICA DA FILOSOFIA DAS DUAS ESTRUTURAS.....	277
--	-----

REFERÊNCIAS	283
-------------------	-----

Introdução

O presente livro aborda a filosofia de uma forma geral, fazendo a relação entre filosofia da natureza e filosofia da linguagem, pensando não ser possível separar as duas formas de filosofia. Não é uma revisão histórica da filosofia, mas tem uma pretensão ambiciosa: *Confrontar* tudo o que se tem pensado em filosofia, fazendo uma espécie de *acomodação/confrontada* entre filosofia da linguagem e filosofia da natureza.

Não se pretende resolver o problema ontológico, ou acessar o *Ser* em sua essência mesma, mas abordar o problema do Ser (do espaço, do tempo e das Coisas mesmas) por uma ótica até agora não muito desenvolvida: pela ótica da teoria do signo linguístico.¹ Afirmo categoricamente que o ser do pensamento é o ser do *signo* e que o conceito é uma forma de sofisticação do nome. Ou seja, nome e conceito têm a mesma origem: o signo linguístico. *O signo é a unidade básica da língua* (Saussure) e, *consequentemente, a unidade básica do pensamento* (Vigotski).

O nome é a forma popular e simplificada, enquanto o conceito é a forma científica/filosófica, mais elaborada. Sigo a teoria do russo L. S. Vigotski, afirmando que é impossível separar o pensamento da linguagem. Se penso alguma coisa sobre o mundo, penso pela e com a língua. Nesse entendimento, o ser (*espírito*) pensante de Renè

1. Uso o termo “signo” para generalizar a capacidade linguística do homem. Quando falo signo, falo da capacidade tipicamente humana de operar com signos, conforme Vigotski. Sendo o signo a unidade básica da língua, conforme Saussure.

Descartes é o *Ser* próprio do signo. *O signo é o espírito que paira sobre as coisas mesmas e constitui essa forma tipicamente humana de lidar com o mundo.* Ou seja, a possibilidade do ser pensante cartesiano é constituída pela utilização do signo linguístico.

Partindo da *obviedade* de que as palavras não são as coisas, faço a seguinte proposição: na relação entre homens e as coisas do mundo, criam-se as palavras; na relação entre homens e as palavras ampliam-se as coisas. Na origem, as palavras (signos) surgem para responder as necessidades das relações entre os homens e desses com as coisas do mundo; no desenvolvimento dessas relações, as palavras ampliam as formas de pensar do homem em relação às próprias coisas do mundo, criando-se novas coisas apenas por palavras. Assim, existem palavras que não têm referência nas coisas do mundo, mas não existem, principalmente para o pensamento humano, coisas no mundo que não sejam nomeadas e/ou representadas por palavras. Existem nomes sem coisas, mas jamais coisa sem nome. Nesse caso, a palavra estabelece a ordem para todas as coisas existentes no mundo e, ao mesmo tempo, elabora a ordem para as coisas que existem como possibilidade dentro e além do mundo. As crenças religiosas, a mística popular e a ficção/especulação científica fazem muito bem esse trabalho: criam nomes sem coisas.

Nesse sentido, o signo cria/possibilita uma estrutura fora do mundo, que reelabora o mundo dos homens, mas não se confunde com o mundo físico mesmo, o mundo natural existente antes e fora do homem. Mas é a estrutura básica de funcionamento do mundo que possibilita a constituição de uma *segunda estrutura*, que é a própria estrutura da língua. Então, mundo e signo tem suas próprias estruturas. São duas estruturas que se tocam

do ponto de vista *lógico* e *psicológico*, mas se distanciam do ponto de vista de suas estruturas mesmas. Assim, não se pode acessar o ser mesmo das coisas, mas somente podemos pensar o próprio ser das coisas através dos signos. Penso que o problema da filosofia em geral seja a falta de compreensão sobre essas divergências estruturais. Os filósofos não se atentaram suficientemente para a divergência estrutural entre mundo e signo. O ponto de vista lógico é a interpretação objetiva do mundo e o ponto de vista psicológico é sua interpretação subjetiva. Essa dicotomia lógico/psicológico é devida à própria divergência estrutural entre mundo e signo.

Realizo uma filosofia não meramente especulativa, mas sempre afirmativa. Minha forma de filosofar é a afirmação. Não são meros *aforismas*, mas observações que tenho efetuado a partir dos meus estudos, nesses últimos quatorze anos, em ciências da linguagem, nas pesquisas linguísticas e pedagógicas que tenho realizado, como também na própria observação do meu mundo circundante. Apesar de amador em física, sou um leitor apaixonado da filosofia da natureza, principalmente da física antiga e contemporânea. Para se compreender a filosofia das duas estruturas é necessário ter um conhecimento básico de física e um conhecimento mais aprofundado em linguística. Como Pedagogo, meu foco na filosofia da natureza é a relação com a cognição.

Em relação a natureza, discuto detidamente os conceitos de *espaço* e de *tempo*. Entendo que esses não são conceitos apriorísticos, como defende a tese kantiana, mas conceitos linguísticos. Conceitos base para o pensamento, mas que não podem existir para a mente humana antes da existência dos *signos*. Einstein junta esses conceitos numa só relação espaço/tempo, como forma de elaborar sua teoria da relatividade. Eu, modestamente,

discordo dessa junção e os separo como forma de elaborar a teoria das duas estruturas. O *espaço* é o lugar bruto existente antes, durante e depois da existência do homem. Enquanto o *tempo* é puro conceito: não existe como ser real, é uma figura basicamente linguística, elaborada pelo pensamento, a partir do signo *Tempo*. O espaço, como todo conceito de objetos naturais, existe em duas categorias: uma abstrata, meramente conceitual, e outra concreta, puramente física. Enquanto o *tempo* só existe como conceito abstrato: só existe no *pensamento linguístico* como forma de *marcar, contar e medir* o movimento geral e particular das coisas existentes no mundo. Afirmo categoricamente que o tempo não existe como realidade física. Tempo é a forma sígnica de *quantificar* o movimento. Tempo é igual a quantidade de movimento ($T=QM$). O fundamento da natureza é o *movimento* e o *tempo* é a forma linguística que o homem inventou para registrar/marcar esse movimento. No capitalismo, a marcação do tempo é a forma principal para organizar a produção e reprodução da riqueza. Ou seja, tempo é dinheiro. Nesse sistema, a noção de tempo está engendrada na nossa forma de pensar e agir no mundo. Nossa vida é toda controlada pelo signo *tempo*.

Na discussão dos conceitos de espaço e de tempo, retomo as ideias dos filósofos gregos Epicuro e Aristóteles, contrastando com as ideias dos filósofos Heidegger e Locke.

Como defendiam os filósofos pré-socráticos Anaximandro, Demócrito e Epicuro, existe uma partícula básica e invisível, que forma todas as coisas existentes no universo. Anaximandro chamava de *apeiron* (infinito/indefinido), Demócrito chamava de átomos, próximo daquilo que a física moderna busca comprovar a existência, com vários nomes particulares que se

agrupam: átomos, *prótons, nêutrons, elétrons, quark, lépton, hándrons*, entre outras partículas teorizadas. Se tudo é formado por matéria em movimento, as próprias coisas existentes no mundo são apenas formas temporárias do movimento dessas pequenas partículas. Pelo raciocínio que adoto, essas partículas se organizam em formas de *ondas/nuvens* formando e desformando todas as coisas do universo. Essas pequenas partículas compõem todo o *espaço*. E o *tempo* é apenas a percepção do movimento de formação e transformação das formas temporárias de (des)organização das partículas fundamentais.

Conforme a teoria de Daniel L. Everett, defendo que a linguagem é uma *invenção* humana. Ela foi desenvolvida dentro das condições materiais de vida dos povos primitivos. Numa relação dialética, a utilização de signos, associada às atividades socioculturais humanas, desenvolvem formas existenciais mais complexas em relação aos outros animais. A produção de ferramentas para realização de trabalhos coletivos mais especializados, em diversos grupos humanos, possibilitou tanto o desenvolvimento das formas simbólicas, quanto o aperfeiçoamento das formas culturais e tecnológicas. Mas a utilização de signos é que dá o suporte intelectual para *manipular, aperfeiçoar, guardar e desenvolver* as ferramentas tecnológicas necessárias para a comunidade. O signo é o instrumento básico do desenvolvimento intelectual do homem.

Nesse caso, concordo que o uso e o desenvolvimento da linguagem não estão diretamente relacionados às questões biológicas, como defende Chomsky. Mas está relacionada com as formas de produção e reprodução da vida material dos homens, nas mais variadas formas culturais e tecnológicas. Portanto a língua não é *inata* ao ser humano, mas é sócio-historicamente constituída,

como defende Vigotski. Não sendo uma atividade *inata*, o uso da linguagem deve ser bem mais antigo do que supõe a teoria chomskyana, conforme defende Everett.

Apresento uma seção defendendo o número como signo de segunda ordem. Conforme a tese de Cassirer (2001), o número surge na própria função referencial e lógica de base do signo: *marcar*, *contar* e *medir* o movimento de sucessão das coisas percebidas, em relação ao anterior para o posterior. O sistema numérico é um sistema sígnico que organiza o mundo das coisas em sua superfície, marcando apenas a *quantidade* das coisas em sua *horizontalidade*. Enquanto o sistema linguístico verbal, na sua forma nominal/conceitual, busca mostrar/marcar as coisas em sua *verticalidade*, tentando representar as *qualidades* das coisas mesmas. No entanto, essa tentativa é apenas *figurativa*, já que o signo não é a coisa em-si, mas sua representação simbólica. Nessa questão, discuto o problema da lógica da *figuração* em Wittgenstein, relativamente à (minha) percepção *psicológica* empírica.

Na parte final do livro, relato algumas pesquisas realizadas teórica e empiricamente. Destaque para o estudo da formação dos conceitos com crianças em idade escolar, na relação linguagem/pensamento. A formação dos conceitos de Vitória, que apresento na parte final do livro, é um artigo que me tem dado bastante reflexão.² Faz quatorze anos (2005-2019) que tenho trabalhado na reflexão sobre a importância da língua na aprendizagem. Defendo categoricamente: sem o conhecimento das questões colocadas pela linguística, não há como entender o processo de aprendizagem tipicamente humana.

2. Apresentado originalmente no XIX Seminário do CELLIP 2009, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Cascavel.

O artigo base de toda minha teoria está final do livro: *A formação linguística da mente: funções intelectuais nas operações com signos linguísticos*. Nesse trabalho inédito, sintetizo a teoria de L. S. Vigotski, autor base de todo o fundamento da teoria das duas estruturas. Nesse artigo, discuto a diferenciação entre o primeiro sistema de sinais (tato, olfato, paladar, visão, audição) estudado por Pavlov, e o segundo sistema de sinais (utilização de signos), estudado por Vigotski.

No final do livro apresento uma possível ética para teoria das duas *estruturas*. Como essa teoria pressupõe um certo agnosticismo, sua ética deve ser essencialmente política. A condição política da teoria está baseada na própria teoria do signo: em sua *convencionalidade* intrínseca. Segundo F. de Saussure, o sistema linguístico tem como característica a *temporalidade*, a *convencionalidade* e a *arbitrariedade*. Essas três condições das relações entre os sistemas de signos (línguas) com as coisas do mundo necessitam periodicamente dos acordos políticos entre os homens, os quais estejam envolvidos em todas relações sociais. Por isso, suponho que a sofística de Isócrates deve ser a base dessa ética, no sentido em que “o homem é base para todas as coisas.” Nesse sentido, as questões de *verdade* e *mentira* estão imbricadas na mesma continuidade no fio do discurso, cabendo aos homens acordarem politicamente o que é verdade e o que é mentira. Pois, no sistema de signo linguístico como estrutura deslocada do mundo, tanto a verdade como a mentira são produções linguísticas/discursivas. Decorre dessa ideia, a necessidade de uma *Democracia radical permanente*.